

# Existencialismo de Viktor Frankl para compreensão do cuidar de si da Pessoa em hemodiálise

Aline Mota de Almeida,<sup>a,b</sup> Darci de Oliveira Santa Rosa.<sup>c</sup>

Almeida AM, Santa Rosa OD. Existencialismo de Viktor Frankl para compreensão do cuidar de si da Pessoa em hemodiálise. *Cuid salud, ene-jun 2015; 2(1):164-170.*

## RESUMO

Trata-se de ensaio extraído de dissertação de mestrado que explorou vivências de pessoas adoecidas crônicas, o qual busca argumentar como os pressupostos teóricos da liberdade e da responsabilidade na abordagem Existencial de Viktor Frankl contribuem para compreender o exercício da liberdade para a adesão e não adesão de medidas para o cuidar de si em pessoas em tratamento hemodialítico. As pessoas percebem sua liberdade limitada diante da responsabilidade de cuidar de si, tomam consciência dessa responsabilidade e enfrentam dificuldades para assumi-la. Assim, volta-se um olhar sobre si refletindo sobre o que é, e o que pode vir a ser.

Descritores: hemodiálise, doença crônica, existencialismo, liberdade.

## RESUMEN

Se trata de un ensayo extraído de una tesis de maestría en la cual que se exploró vivencias de enfermos crónicos, que busca discutir como los supuestos teóricos de la libertad y la responsabilidad en el enfoque existencial de Viktor Frankl contribuye a la comprensión del ejercicio de la libertad de la adhesión y no adhesión a las medidas para cuidar de sí mismos en personas con tratamiento de hemodiálisis. Las personas perciben límites en su libertad de la responsabilidad de cuidar de sí mismos, toman conciencia de esta responsabilidad y pasan por dificultades para apoderarse de ella. En consecuencia, miran para sí mismos reflejando sobre lo que es y lo que puede venir a ser.

Palabras clave: hemodiálisis, enfermedad crónica, el existencialismo, la libertad.

Almeida AM, Santa Rosa OD. Existentialism of Viktor Frankl to understand the care of the person in hemodialysis. *Cuid salud, ene-jun 2015; 2(1):164-170.*

## ABSTRACT

It is about an essay extracted from a master's dissertation that explored chronic sick people livings, which aims to argue how theoretical assumptions of freedom and responsibility in Viktor Frankl's existential approach contribute to understanding freedom exercise for adherence and non-adherence measures to self-care in people undergoing hemodialysis. People realize their limited freedom before self-care responsibility, become aware of this responsibility and face difficulties to take it over. So it focuses on the self, reflecting on what it is, and what it can be.

Keywords: Hemodialysis, chronic disease, existentialism, freedom.

<sup>a</sup> Estudo extraído da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia 2005.

<sup>b</sup> Mestre em Enfermagem. Professora Assistente do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil.

<sup>c</sup> Doutora em Enfermagem, Professora Titular da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Brasil.

## INTRODUÇÃO

O ensaio apresenta a compreensão do cuidar de si, na abordagem de Victor Frankl quem explorou o sentido existencial do indivíduo e a dimensão espiritual da existência, com o pressuposto básico de que a motivação primária do homem reside na responsabilidade pela busca e realização do sentido de sua vida.

Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra e neurologista austríaco, fundador da Logoterapia, uma escola psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista, conhecida também como a Psicoterapia do Sentido da Vida ou, ainda, a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia.

A abordagem do ser humano aprofundada por Frankl na Logoterapia fundamenta-se na compreensão do homem na sua totalidade. Considera que o ser humano é um ser bio-psico-sócio-espiritual, que necessita de liberdade e é capaz de suportar o sofrimento, mesmo quando a vida parece não ter qualquer significado.<sup>1</sup>

Nesta perspectiva, a análise existencial de Frankl dá suporte aos estudos que envolvem pessoas em situações de sofrimento crônico, perda de sentido e medo diante da iminência do final da vida, como é o caso da pessoa com insuficiência renal crônica (IRC) submetida à hemodiálise (HD).

A descoberta da doença renal é algo de difícil aceitação, que conduz a pessoa a um processo de luto, geralmente, acompanhada do sentimento de medo da morte. A incerteza quanto ao futuro e o medo surgem com mais intensidade quando as pessoas que desenvolvem a IRC são informadas da necessidade de tratamento de HD imediato. Nesse momento, a doença sai do campo imaginário, das possibilidades e passa a ser uma realidade vivenciada.<sup>3</sup>

Devido ao progresso diagnóstico e terapêutico, pessoas com doenças crônicas apresentam uma maior sobrevida, mas, para que a vida seja prolongada, é necessário a aceitação da doença e a adesão ao tratamento, uma disciplina rígida e pré-estabelecida de medidas invasivas e aceitação das prescrições que resultam em mudanças comportamentais.<sup>3</sup>

O cuidar de si, no processo de adoecimento, está permeado de reflexões e ações decorrentes do exercício da liberdade, seja esta acompanhada de responsabilidade ou como expressão de

arbitrariedade frente às contingências da vida, seja no cuidar dispensado a outrem, ou a si, quando a liberdade e a responsabilidade da pessoa humana devem ser consideradas.

A liberdade, segundo a análise existencial de Viktor Frankl, é inerente ao ser humano, o qual é um ser livre para tomar decisões e, nesse sentido, “todo ser humano tem a liberdade de mudar a qualquer instante [...], sendo capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de mudar a si mesmo para melhor, se necessário”.<sup>4</sup>

Contudo, a liberdade do homem como meio de causar mudanças para melhor, necessita ser exercida com responsabilidade. A mesma denota a capacidade de um homem contribuir para sua própria evolução,<sup>5</sup> em uma conscientização diária.

A responsabilidade é a capacidade de dar respostas à vida e assumir aquilo que foi feito. É a capacidade ou habilidade de responder, assumir os atos no mundo de forma consciente, em pleno uso da própria liberdade.<sup>6</sup>

A análise existencial frankliana reconhece a responsabilidade como característica fundamental do homem e destaca que não é o ser humano que faz a pergunta sobre o sentido da vida, mas este é interrogado e deve responder às perguntas que sua vida possa lhe fazer. Estas respostas são dadas pela responsabilidade assumida pela própria existência, em cada situação<sup>4</sup>. O ser humano é responsável por dar a resposta correta à pergunta, e assim encontrar o verdadeiro sentido da situação.<sup>6</sup>

A liberdade plena está sempre correlacionada à responsabilidade, liberdade de escolher e definir a própria vida, e responsabilidade frente aos resultados positivos ou negativos obtidos decorrentes das escolhas. Assim, a liberdade e a responsabilidade constituem as duas características essenciais dos fenômenos humanos.<sup>7</sup>

A tomada de decisão da pessoa em relação a todo tipo de disposição e de qualquer situação constitui-se, essencialmente, em uma atitude livre, uma decisão pessoal. O ser humano ao exercer a liberdade da atitude pessoal pode promover sua mudança existencial.<sup>7</sup>

Assim, este ensaio desenvolvido a partir da dissertação de mestrado em enfermagem, discute a compreensão do cuidar de si das pessoas com doença renal em HD à luz dos pressupostos

teóricos da liberdade e responsabilidade da análise existencial de Viktor Frankl.

Para efeito deste ensaio, e para garantir o anonimato, as pessoas ouvidas durante a pesquisa tiveram seus nomes substituídos por pseudônimos de nomes fictícios.

### **Limitação da liberdade por ter responsabilidade de cuidar de si**

A liberdade face ao adoecimento renal crônico emerge como algo vivenciado em sua inter-relação com a responsabilidade que é requerida tanto pela doença renal quanto pelo tratamento hemodialítico.

A liberdade de cuidar de si é vivida pela pessoa em hemodiálise respeitando os limites impostos por ela mesma diante da responsabilidade requerida pela situação de pessoa com IRC que necessita realizar hemodiálise.

As pessoas em HD expressam na sua condição a liberdade de cuidar de si como uma liberdade relacionada com a responsabilidade:

*A liberdade e a responsabilidade dos meus cuidados está sempre ligada uma coisa à outra. Ou tenho responsabilidade e não tenho liberdade total, ou tenho a liberdade total e não tenho a responsabilidade para comigo. Uma coisa depende da outra. [...] como a gente precisa ter essa responsabilidade a gente se sente menos liberto (Isis).*

Isis considera que a liberdade de cuidar de si está ligada diretamente à sua responsabilidade e aborda que, ao ser responsável pelos cuidados, limita sua liberdade ou, caso assuma sua liberdade total, negligenciará responsabilidade para com sua saúde. Enfim, assume que, como necessita ser responsável, ela se sente menos liberta.

Percebe-se que Isis responde à necessidade de realizar HD, exercendo sua liberdade de tomada de decisões frente ao cuidar de si, estabelecendo limites para sua liberdade ao considerar a responsabilidade assumida frente ao tratamento de hemodiálise como condição que lhe surge como possibilidade de manter a vida.

Victor Frankl considera que a liberdade é apenas metade da verdade, sendo a outra metade a responsabilidade, que representa o lado positivo, pois quando a liberdade é exercida sem responsabilidade pode degenerar-se em mera

arbitrariedade. Assim, ao responder às contingências da vida com responsabilidade, a pessoa está exercendo plenamente sua liberdade.<sup>8</sup>

Nesse sentido, os limites da liberdade apontados por Isis são impostos pela consciência de ser, pelos valores éticos e pela responsabilidade, cabendo à mesma como ser existencial, a construção de seus próprios limites de acordo com a responsabilidade assumida diante da vida.<sup>6</sup>

Frankl discute a importância de a pessoa acometida por uma doença crônica ter consciência plena da própria responsabilidade e optar acerca do que ou por quem ele se julga responsável. A interpretação da própria vida é de responsabilidade do ser existencial através da tomada de consciência do seu lugar no mundo.<sup>9</sup>

O homem não tem a liberdade de existir fora do mundo, pois é no mundo, e na interação com os outros, que o homem realiza o seu ser, e é na realização desse seu ser, que se desvela aquilo que é o Ser. O "ser-aí" realiza-se sempre no mundo, de tal maneira que o homem pode ser compreendido como um "ser-com" e um "ser-no-mundo".<sup>10</sup>

Os doentes (ou pessoas doentes) em HD reconhecem as limitações impostas pela doença e tratamento, abordando a responsabilidade como um limitante da sua liberdade. "Isso da liberdade é poder fazer o que a gente quer, e a gente só vive no regrado [...] Essa liberdade eu acho que a gente não tem [...] porque é uma responsabilidade essa hemodiálise para fazer" (Antonia).

Antônia enfatiza a liberdade como sendo "poder fazer o que a gente quer" e destaca que necessita viver uma vida regrada, limitada, disciplinada. Assim, julga não ter liberdade ao assumir a responsabilidade diante do tratamento de hemodiálise.

A análise existencial frankliana considera que o homem não é livre de enfrentar certas situações, mas é livre para tomar posições diante delas. As situações não o controlam inteiramente, pois dentro de certos limites, depende dele se sucumbe e se deixa limitar.<sup>8</sup>

As pessoas consideram que não têm liberdade para cuidar de si, pois o tratamento as impede de fazer coisas que faziam anteriormente, ao prendê-las na máquina de HD rotineiramente:

*Liberdade a gente não tem quase nenhuma. Porque, desde quando a gente fica com esse problema, a liberdade que a gente tem é vir fazer hemodiálise [...] a gente não tem liberdade, não tem direito de fazer o que fazia passear, [...] não tem direito a quase nada (Claudia).*

Claudia expressa seus sentimentos de perda da liberdade após a doença, pois esta a obrigou a frequentar as sessões de hemodiálise. Já Antônia, no relato abaixo, destaca que a HD cerceou a liberdade de viajar, de ter preferências alimentares:

*Não posso ficar sem fazer, então liberdade eu não tenho na verdade. Eu já tive liberdade, mas hoje com esse tratamento eu não tenho mais, eu não tenho direito de viajar e de fazer aquilo que eu fazia antes como: passear, comer as coisas que eu gostava [...] (Antonia).*

Embora apontem a falta de liberdade, as pessoas doentes não se dão conta de que, ao optarem por frequentar as sessões de HD, seguir às orientações dietéticas e se absterem de coisas que realizavam anteriormente elas estão sendo responsáveis em pleno gozo da liberdade inerente à pessoa humana.

O ser humano no exercício da liberdade, de maneira consciente ou sem se aperceber, decide se enfrentará a situação e de que forma o fará. Assim, o mesmo não é subjugado pelas condições diante das quais se encontra, pois ele possui a capacidade de tomar decisões.<sup>8</sup>

Não se pode conceber algo que condicione o ser humano a ponto de deixá-lo sem a menor liberdade.<sup>11</sup> Assim, a tomada de decisão em direção contrária a uma perspectiva de manter a vida no ritmo anterior à descoberta da doença também é exercício da liberdade.

Face às situações que a “nova vida” com IRC lhes impõe, as pessoas adoecidas exercem sua liberdade, e escolhem se tratar ao considerar os riscos e temer o final da vida. Eles vivenciam a liberdade de maneira responsável, atentando para as possíveis conseqüências de suas decisões. “Eu não posso comer sal, eu não posso beber guaraná, eu não posso tomar água. Eu não quero manter minha vida na liberdade, pois preciso ficar bom da minha saúde. Então, isto já é o bastante para eu aceitar o tratamento” (Vagner).

Assim, Vagner descreve o que não pode fazer e informa não querer viver uma liberdade que coloque em risco sua saúde. Julga que a

necessidade de manter sua saúde seja motivo que justifiquem o estabelecimento de limites para sua liberdade.

Quanto à relação entre necessidade e liberdade, Frankl<sup>6</sup> considera que o ser humano é um ser que transcende as necessidades, pois estabelece um relacionamento livre com elas. A liberdade e as necessidades não estão no mesmo plano, ao contrário, a liberdade ultrapassa e se sobrepõe às necessidades.

No exercício da liberdade, a pessoa transgride os limites impostos pela doença e tratamento de hemodiálise, assume a condição humana de ser no mundo. “Tem dia que não sou tão correta. Eu saio da linha. Mas, é normal porque sou humana” (Larissa). “Às vezes eu sou teimosa. Eu como de tudo [...] a médica diz você não pode comer, aí quando fala que eu não posso, aí é que eu como mesmo” (Violeta).

Larissa informa que há dias que não segue o tratamento à risca, e qualifica seu comportamento de descumprir a disciplina do tratamento como normal, por tratar-se de uma característica humana ceder aos desejos. Enquanto que Violeta se auto-avalia como teimosa por contrariar as orientações médicas de restringir alimentos.

Ao transgredirem as regras, as pessoas em tratamento hemodialítico vivenciam os valores existenciais da liberdade de escolha e a manutenção da dignidade individual, como forma de manter a autonomia perante si e perante os demais com os quais convive. O sentimento de liberdade apoiado em responsabilidade dá plenitude à vida do homem e está implícita em todas as decisões tomadas ao longo de sua existência.

A liberdade, para os existencialistas, consiste em um projeto de ser do indivíduo, fundamental e livremente escolhida. Essa liberdade exprime a totalidade de seu impulso em direção ao ser, sua relação original para consigo, com o mundo e com os outros.<sup>12</sup>

Assim, vale considerar que a liberdade, como eixo da análise frankliana, tem uma direção transcendente: não só uma liberdade-de, mas uma liberdade-para, que traz consigo a responsabilidade frente às escolhas.<sup>13</sup> Pois o “eu” que toma as decisões é um ser inserido no mundo, que interage com os outros, um ser responsável e

essencialmente livre. Ele avalia, planeja e decide acerca das decisões a tomar.

Considerando que a atitude de pessoas ao transgredirem ao tratamento está reafirmando a sua dignidade. A Enfermagem pode compreender, cuidar e apoiar a pessoa face às suas escolhas, com atitude de respeito à dignidade e à natureza humana com enfoque na singularidade, totalidade e subjetividade do ser; estimulando e permitindo a participação ativa no estar com e fazer com.<sup>9</sup>

### **Tomada de consciência da responsabilidade para cuidar de si**

Durante o adoecimento com IRC as pessoas vivenciam a auto-reflexão que conduz à tomada de consciência da necessidade de ser responsável diante da hemodiálise, apesar das dificuldades vivenciadas nesses momentos.

Vagner demonstra acreditar que a pessoa com IRC necessita ter responsabilidade sobre os seus atos, porque, caso não o tenha, ele não conseguirá manter-se vivo:

*Eu mesmo sou um cara que tenho responsabilidade do que eu faço, porque, hoje em dia, se a pessoa não tiver responsabilidade, não tá se tratando desse troço. Então eu tenho muita responsabilidade [...] principalmente com minha família [...] todos precisam de mim, eu sou o chefe da casa (Vagner).*

Percebe-se que Vagner decide, conscientemente, abster-se de uma liberdade arbitrária, inconsequente, que possa prejudicar sua saúde e opta por ser responsável frente às contingências com que a vida de adoecido crônico lhe impõe.

Frankl<sup>7</sup> considera que “nada faz o homem superar tanto as doenças ou as dificuldades como a consciência da responsabilidade pessoal, a experiência vivida de sua missão especial”, que no caso de Vagner essa missão é cuidar da família.

A consciência de ser responsável por manter a saúde e cuidar da família norteia a conduta de Vagner e faz com que ele consiga superar a situação de estar doente. “[...] em qualquer caso, importa que o homem adquira consciência lúcida do seu ser-responsável e do seu poder de superação”.<sup>14</sup>

A responsabilidade constitui um aspecto da autoconsciência, pois, através dela, o ser humano

pode refletir sobre ações passadas e planejar ações futuras, não sendo impelido por instinto ou pela marcha automática da história.<sup>5</sup> Por isto, esta implica em reflexão anterior sobre as conseqüências dos atos, não tanto do ponto de vista legal como do ponto de vista existencial. É responsável aquele que é livre para planejar e prever os efeitos diretos e indiretos, imediatos e longínquos dos atos realizados.

Diante das restrições, que alteram o cotidiano das pessoas em HD, os adoecidos conscientemente buscam compensar as perdas de liberdade intensificando as experiências que se mostram possíveis. “Então eu fico procurando viver mais intensamente, procurando uma brechinha de liberdade para ver se eu posso fazer aquilo e faço” (Violeta).

Em seu depoimento Violeta denota que avalia conscientemente as situações que vivencia procurando aproveitar espaços para exercer sua liberdade mais plenamente.

Segundo a análise existencial frankliana,<sup>6</sup> o ser humano é movido pela intenção. A intencionalidade apresenta-se em cada uma das realizações humanas, existe uma intenção por trás de cada coisa que o ser humano realiza e nada acontece sem propósito. O homem, como ser livre, não pode alegar que não sabe o que está fazendo, não pode fingir-se de inconsciente.

Para Cláudia, o ser responsável significa não provocar, através dos seus atos, conseqüências negativas para si mesma. Assim, ela demonstra ter plena consciência da responsabilidade inerente às suas decisões. E Violeta reconhece que a cobrança da responsabilidade não parte das pessoas com as quais convive, mas dela própria, apreendida por sua auto-reflexão que a leva a concluir na necessidade de responder às questões que a vida lhe oferece. Depõem: “Eu sou muito responsável [...] Se a gente passar adiante dos limites quem vai sofrer as conseqüências?” (Cláudia). “É muita cobrança [...] Não que as pessoas fiquem cobrando, mas a vida em si ela cobra da gente que a gente seja responsável” (Violeta).

Autores ressaltam que o homem como ser responsável por cumprir sua missão na vida, considera-a intransferível. Nesse sentido, o homem é um ser responsável ante-si-mesmo, ante-os-demais e ante-Deus, e finalmente, consciente do limite da sua liberdade por ter a responsabilidade sobre as respostas.<sup>4,7,13</sup>

As experiências da vida cotidiana suscitam questões que as pessoas se sentem no dever de respondê-las, pois a vida é contínuo processo de perguntas e respostas que dura por todo o tempo em que durar a vida de cada um. As respostas podem ser dadas apenas com o responder de nossas vidas, pois responder à vida significa fazer-se responsável pela própria existência.<sup>8</sup>

### **Dificuldades ao assumir a responsabilidade de cuidar de si**

As dificuldades vivenciadas pelas pessoas doentes ao se tornarem dependentes do tratamento hemodialítico requerem respostas diárias à vida com mudanças de comportamentos e hábitos para manutenção da sobrevivência, somadas à necessidade de conduzir sua vida familiar e social da melhor maneira possível.

Violeta alega ser difícil conciliar a responsabilidade com todos os cuidados requeridos pelo tratamento, a responsabilidade com os demais aspectos da vida cotidiana:

*O que é mais difícil é ter responsabilidade com o tratamento e com outras coisas. Muitas são mães de família, têm emprego, fazem hemodiálise, mas trabalham ainda. Além da gente ter responsabilidade para levar uma vida saudável, tomar medicação, fazer o tratamento, cuidar do cateter, não perder um dia de hemodiálise e ainda administrar nossa vida pessoal. Então, responsabilidade é uma coisa que sozinho a gente não consegue não, porque é uma barra pesada para a gente [...] (Violeta).*

O peso da responsabilidade expresso por Violeta está relacionado às demandas dos trabalhos domésticos somados à rotina de consultas e tratamento. Como pessoa que necessita da hemodiálise para sobreviver, ela vivencia cobranças inerentes ao tratamento e à própria vida, juntamente com as cobranças internas firmadas em seus valores do que é ser pessoa, ser mulher, ser mãe e ser cuidadora dos outros e de si. O peso da responsabilidade depende do que ela aprende dessas cobranças.

Nesse contexto, o pleno exercício da liberdade pode causar angústia à pessoa, angústia gerada pela necessidade de optar, fazer escolhas e arcar com as possíveis conseqüências.<sup>12</sup>.

Toda decisão é intencional e nasce da vontade de sentido. Contudo, por falta da vontade de sentido, por medo de tomar decisões e assumir responsabilidades, algumas pessoas podem optar

por deixar inalterada uma situação de vida que pode ser mudada ou permanecer queixando-se e lamuriando-se, sofrendo por isso.<sup>8</sup>

Os pessoas doentes vivenciam a dificuldade de ser responsável frente à dieta estabelecida para o portador de IRC. As restrições alimentares são muitas e eles expressam, o que pensam sobre a responsabilidade:

*É não comer nada cremoso, seguir a dieta dos médicos. Tenho que comer a dieta que o médico me dá (Ana). A responsabilidade é grande porque a gente não pode comer tudo que dá vontade (Vicente). A gente está acostumada a querer comer tudo, na hora que quer, e às vezes não pode. É difícil olhar e não comer, muito difícil (Isis).*

Ana, Vicente e Isis expressam que ter responsabilidade é não comer alimentos fora da dieta e que possam lhe fazer mal, é também não comer tudo o que tem vontade. Emergiu, assim, a dificuldade em ser responsável para seguir as orientações dietéticas do tratamento.

Comer representa, além da satisfação de uma necessidade básica, a busca do prazer. Contudo, ingerir alimentos contra-indicados pode resultar em complicações para as pessoas em hemodiálise. Frente a isto, Isis responde que age com responsabilidade, mas destaca a dificuldade enfrentada em abster-se de comer o que gosta.

O controle alimentar das pessoas com IRC é desafiador em decorrência da dificuldade de alterar hábitos alimentares com restrição de muitos alimentos, e pelo fato da doença renal, está associada a outras doenças que também possuem restrições alimentares específicas, com isso a adesão ao tratamento torna-se mais difícil.<sup>15</sup>

Dos depoimentos emana o “dever fazer”, o ter que cumprir as normas do tratamento, assim expressando as dificuldades em ser responsável de cada um em particular:

*Eu tenho que cumprir as normas [...] é uma rotina que tenho que cumprir. A minha vida depende disso. Então eu não vou facilitar (Larissa). Tem que vir no dia certo, não pode falhar, porque se eu falhar o dia é pior para mim. Eu fico vindo para hemodiálise porque não tenho alternativa (Ana).*

Larissa afirma que a sua vida depende da HD e Ana declara que se não vier para o tratamento é pior para ela e que faz HD por não ter outra opção.

Assim, a responsabilidade diante do tratamento é um dever a ser cumprido.

Violeta denota o sentimento de estar numa prisão ao afirmar: “Prá gente é difícil porque é como se a gente tivesse prisioneira. Presa no mundo [...] A gente tem certa liberdade, mas ao mesmo tempo estamos numa prisão” (Violeta). Ao afirmar sentir-se presa no mundo, Violeta, refere-se à necessidade de, como resposta às contingências da vida, se submeter ao tratamento de HD que requer alta frequência e regularidade.

Com o surgimento de uma doença, a pessoa fica exposta às leis da natureza, restando-lhe dominar a situação de ser doente e conviver com a doença. Enquanto isso, ela se entrega mais ou menos passivamente ao tratamento e segue às orientações. Caso contrário, as consequências das decisões pessoais não poderão ser encaradas como golpes do destino. É tentar superar as carências e fraquezas pela consciência da responsabilidade pela vida.<sup>16</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Correspondência:

Aline Mota de Almeida

Correio eletrônico: [alinedamota@uol.com.br](mailto:alinedamota@uol.com.br)

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Souza EA, Gomes ES. A visão de homem em Frankl. Rev Logos & Existência. Rev da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. 2012; 1(1): 50-57.
2. Campos CGP, Mantovani MF, Nascimento MEB, Cassi CC. Representações sociais sobre o adoecimento de pessoas com doença renal crônica. Rev Gaúcha Enferm [serie em internet]. Jun 2015 [citado 10 mai 2015]; 36(2): 106-12. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/48183>
3. Maldaner CR, Beuter M, Brondani CM, Budó MLD, Pauletto MR. Fatores que Influenciam a Adesão ao Tratamento na Doença Crônica: o doente em terapia hemodialítica. Rev Gaúcha Enferm. 2008; 29(4): 647-53.
4. Frankl VE. A presença ignorada de Deus. Trad. Walter Schlupp e Helga H. Reinhold. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes; 2003.
5. May R. O homem à procura de si mesmo. Trad. Áurea Brito Weissenberg. 33 ed. Petrópolis: Vozes; 2010.
6. Frankl VE. Fundamentos y aplicaciones de la logoterapia. Buenos Aires: San Pablo; 2007.
7. Frankl VE. Logoterapia e análise existencial: textos de cinco décadas. Trad. Jonas Pereira dos Santos. Campinas: Editorial Psy; 1995.
8. Frankl VE. Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo. Trad. Pe. Victor H. S. Lapenta. Aparecida: Editora Santuário; 1989.
9. Almeida AM. Significado da liberdade e da responsabilidade pelo cuidar de si do cliente em hemodiálise [Dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.

10. Heidegger, M. Ser e Tempo (Parte I). Trad. Marcia Sá Schuback. 13. ed. Petrópolis: Vozes; 2004.
11. Frankl VE. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Trad. W. O. Schulupp e C. C. Aveline. 9 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes; 2000.
12. Sartre J. Existencialismo é um Humanismo. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural; 1973.
13. Xausa IAM. A psicologia do sentido da vida. 2 ed. Petrópolis: Vide Editorial; 2013.
14. Bresser PE. Responsabilidade e responsabilização – sentido da culpa. In: Frankl VE. Dar sentido a vida: a logoterapia de Viktor Frankl. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes; 1990. p. 89-98.
15. Daurgidas JT, Blake PG, Ing TS. Manual de diálise. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008.
16. Frankl VE. Dar sentido a vida: a logoterapia de Viktor Frankl. Trad. Antônio Estevão Allgayer. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes; 1990.